



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

Literatura, beleza e fé

No último mês de julho, o Papa Francisco entregou-nos uma bela [carta abordando a literatura e seu papel na educação](#) e na formação humana. Pode-se perguntar: o que a leitura, a literatura, os livros têm a ver com a fé, para que o Papa se disponha a escrever sobre este tema? Inicialmente, Francisco quis referir-se à formação sacerdotal, mas depois percebeu que a leitura de romances e poemas tem grande valor para o caminho de amadurecimento humano e da própria fé para qualquer pessoa.

No Brasil, dados de 2022 do IBGE mostraram que apenas 16% dos adultos compraram livros nos 12 meses que antecederam a pesquisa, 44% da população não possui o hábito de leitura e 30% nunca comprou um livro. Além disso, de acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, na sigla em inglês) 50% dos estudantes brasileiros entre 15-16 anos, não atingiram o nível básico de leitura, considerado necessário para que uma pessoa possa exercer plenamente sua cidadania. O Papa observa que, antes da onipresença



Arte: Sergio Ricciuto Conte

dos meios de comunicação, das redes sociais, dos celulares e de outros dispositivos, a leitura era uma experiência frequente e quem a viveu sabe

bem da sua importância, ressaltando que este hábito não pode ser considerado uma prática superada.

Este Caderno Fé e Cultura se de-

bruça sobre esta carta do Papa, mostrando como ela dialoga com a experiência humana e literária de diferentes pessoas.

Um telescópio para ampliar a sensibilidade e nos conectar ao que existe de mais humano

Raúl Cesar
Gouveia Fernandes*

Em um mundo hiperconectado, a onipresença da internet e das telas vem tornando a leitura cada vez mais superficial e fragmentada. Se até mesmo a dimensão pragmática do ato de ler – a consulta a livros de estudo ou jornais – vem perdendo força, que dizer da leitura literária? Professores e editores de vários países vêm emitindo repetidos alertas sobre o crescente desinteresse por textos literários. Nos últimos meses, tais apelos ganharam um reforço inesperado e original: a [carta do Papa acerca do papel da literatura na educação](#).

O documento versa sobre a formação de sacerdotes, mas Francisco faz questão de ressaltar também o “valor da leitura de romances e poemas no caminho de amadurecimento pessoal” de “qualquer cristão” (n. 1). Contrapondo-se a quem considera tal atividade um mero passatempo ou hábito ultrapassado, ele

afirma que essa opinião pode gerar “grave empobrecimento intelectual e espiritual” (n. 4).

O ponto de partida das reflexões é a constatação de que a literatura “brota da pessoa no que tem de mais irredutível, no seu mistério (...). É a vida que se torna consciente de si mesma quando, utilizando todos os recursos da linguagem, atinge a plenitude de expressão” (n. 5). A arte literária representa, pois, um meio privilegiado de acesso à cultura e ao coração humano.

Por isso, o Papa encoraja o olhar atento às formas de expressão do desejo e da busca por sentido do homem de qualquer época ou cultura. Trata-se de movimento semelhante ao realizado pelos Padres da Igreja no início da era cristã, quando o contato com a cultura clássica permitiu a compreensão da “polifonia da Revelação” (n. 10). Afinal, a literatura é um poderoso “telescópio” que permite ampliar a sensibilidade para abraçar as alegrias e dramas da vida de todo homem – a começar por

nós mesmos. Desse modo, ela pode levar à interrogação sobre o sentido da existência, servindo até mesmo para “fazer eficazmente a experiência da vida” (n. 30).

Relembrando seu trabalho como educador, Francisco afirma que a leitura por obrigação costuma ser contraproducente: o ideal é estimular os jovens a descobrir livremente o prazer da leitura, encontrando livros que se tornem seus “companheiros de viagem” (n. 7). Vale notar que o Papa não propõe apenas a leitura de obras selecionadas por seu suposto caráter “edificante”: ele sabe bem que a literatura pode nos levar a um “terreno instável”, no qual a liberdade de interpretação não deve ser cercada e não há mensagens definidas *a priori* (n. 29). Daí que, entre os autores mencionados na carta, figurem alguns não cristãos, como Proust e o argentino Borges.

Isso, porém, não significa ceder à fácil tentação do relativismo: o documento alude ao necessário trabalho de “discernimento evangélico da cul-

tura”, por meio do qual o cristão pode tornar-se, como São Paulo, um “coleccionador de sementes”, valorizando o que toda experiência autenticamente humana carrega de verdadeiro (n. 12, 21, 26-29, 38).

Segundo T. S. Eliot, a crise religiosa atual resulta de uma “generalizada incapacidade emocional”: nesse sentido, completa o Papa, “o problema da fé nos dias de hoje não é, em primeiro lugar, o de acreditar mais ou acreditar menos em proposições doutrinárias. Liga-se antes à incapacidade de tantos se comoverem perante Deus, a sua criação e os outros seres humanos” (n. 22). Em semelhante contexto, a literatura – poderoso instrumento para enriquecer nossa humanidade – adquire grande peso cultural. Afinal, como dizia um antigo autor latino, o verdadeiro cristão não pode ser indiferente a nada do que é humano (n. 37).

* Professor do Centro Universitário da FEI e Doutor em Literatura Portuguesa pela USP

Por que a literatura é necessária para o crescimento da fé?

Monja beneditina
camaldolense

A partir da Carta do Papa Francisco sobre a literatura, uma monja revê sua experiência com os livros

O Papa Francisco escreve toda a sua [Carta sobre o papel da Literatura na Educação](#) para responder à pergunta que dá título a este artigo.

Ao citar o grande teólogo Karl Rahner, o Papa sublinha que a literatura fala sobre a verdade da vida humana e pode servir para compreender melhor a própria experiência e a vida cotidiana. Diz que a literatura se inspira, na verdade, na rotina diária da vida, nas suas paixões e seus acontecimentos reais como a ação, o trabalho, o amor, a morte e todas as pobres coisas que preenchem a vida (n. 8).

Diz o Papa que a literatura nos prepara para compreender e, portanto, enfrentar as diversas situações que podem surgir na vida. Na leitura, mergulhamos nos personagens, nas preocupações, nos dramas, nos perigos, nos medos das pessoas que finalmente superaram os desafios da vida, ou talvez durante a leitura damos conselhos aos personagens que mais



tarde serão úteis para nós (n. 17).

Nós vivemos em uma cultura do individualismo e precisamos nos abrir ao mundo dos outros, à forma de perceber e sentir dos outros. Em sua carta, o Papa define a literatura como a experiência de ouvir a voz de alguém! (n. 20)

O Papa dedica uma série de suas audiências ao discernimento de espírito, tal como proposto por Santo Inácio. “É isso que devemos aprender: ouvir o nosso coração para saber o que acontece, que decisão tomar. Para julgar uma situação, é preciso ouvir o nosso coração. Ouvimos a televisão, o rádio, o celular, somos mestres em ouvir, mas eu lhe pergunto: você sabe

ouvir o seu coração? Você se aquietou para dizer: ‘Mas como está meu coração? Ele está satisfeito, está triste, está procurando alguma coisa?’ Para tomar boas decisões, você precisa ouvir seu coração” ([Audiência Geral de 7 de setembro de 2022](#)).

Nessa perspectiva, cada texto que lemos desperta em nós sensações e sentimentos (n. 28). Santo Inácio de Loyola percebe isso quando, durante sua convalescença, se dedica à leitura de livros que sua cunhada lhe propunha. E descobre, assim, um método de discernimento do espírito, quando se dá conta da diferença que causava em seus pensamentos a leitura de livros sobre os santos, em relação aos

livros de cavalaria que antes gostava muito de ler. Na verdade, a literatura, a leitura, o encontro misterioso com uma multidão infinita de personagens nos ajuda a nos encontrarmos. É muito interessante que o Papa nos lembra que a dor ou o tédio que se sente ao ler certos textos não são necessariamente sensações ruins ou inúteis.

Para mim, pessoalmente, ajudou muito cada encontro com os livros, principalmente a vida dos santos que sempre li desde a infância. E notava, como experimentou Santo Inácio, um consolo em encontrar as situações da vida simples e cotidiana, mesmo na vida dos grandes santos. Suas lutas, dúvidas, alegrias e abandono à Providência de Deus. Era também muito bonito para mim, ver como os santos liam outros santos que os precederam e que grande proveito tiravam de suas obras, autobiografias, diários e cartas. Mesmo os poemas que refletem os sentimentos mais profundos com muita delicadeza e discrição foram sempre para mim uma grande escola. Em cada livro precioso encontrava o poder imponente da palavra! Quem escreve é sempre uma pessoa inspirada, cheia da experiência que quer transmitir por escrito com as nossas palavras humanas, que são sempre um reflexo da realidade divina. Jesus é a Palavra!

As obras de Tolkien e a carta do Papa Francisco

Luana Maíra Rufino
Alves da Silva*

No bombardeamento massivo de conteúdo a que somos expostos diariamente, vemos um achatamento daquele coração nosso inquieto, que busca a todo momento relacionamento com o Infinito. Assim, agimos de forma mais automática e reduzimos a nossa razão ao mecanicismo. Paradoxalmente, enquanto o homem se aproxima das máquinas, elas se aproximam do homem, uma vez que ganham força no espaço gerado pela inteligência artificial (IA) cada vez mais “humanizada”. Nesse contexto, o Papa Francisco – por meio de sua [carta sobre o papel da literatura](#) – nos interpela e aponta para a Literatura como local de acesso privilegiado à mente e, mais especificamente, ao coração do ser humano.

As obras de Tolkien não são destinadas a ser instrumentos para se chegar/afirmar determinada ideia, mas, ao contrário, para Tolkien a Literatura é totalmente um fim em si mesma. Portanto, não é uma ferramenta para dizer algo, é um fim em si mesma. É a arte gratuita para Tolkien. E precisamente por sua gratuidade – que é a cifra da ação de Deus – pode surgir algo de verdadeiro. É por isso que vemos a rejeição de J. R. R. Tolkien ao uso indiscriminado de alegorias. O ponto de partida da alegoria é uma posse/poder intelectual, algo que já sabemos, já vivemos, uma doutrina, uma maneira de fazer as coisas, um pensamento que, então, aplicamos e transformamos artificialmente em algo que reflete esse pensamento. Em vez disso, o que Tolkien faz é exatamente o oposto. O ponto de partida não é a ideia, o pensamento, o conhecimento, a doutrina, mas é o detalhe, o particular, a história individual, a fonte, a semente, o coração. E indo ao fundo disso é assim que se chega à

Tolkien foi um dos maiores autores católicos de seu tempo. Não pretendia fazer obras catequéticas ou passar mensagens. Porém, suas obras ajudam o leitor a mergulhar no mistério da realidade e de seu próprio ser. Nesse sentido, é um autor que bem ilustra o que diz o Papa Francisco em sua carta sobre a literatura.



verdade. Nessa perspectiva, pode-se também entender as palavras do Papa, ao dizer, em sua carta, que o leitor não pode ser visto como mero destinatário de uma mensagem edificante, mas um sujeito ativo que interage com a obra (n. 29)

Uma vez que você entende a alegoria, já é algo que você possui e já não traz nada de novo. Contudo, a verdade tem sempre um componente do Mistério, a Verdade não é algo que você possui, mas que você descobre, que você encontra, algo sempre inesperado. Logo, não é uma posse intelectual; nunca é algo que você já sabe, mas que vem ao final de um caminho, como ao fim da leitura de um livro, como a jornada dos hobbits. “*Si enim comprehendis, non est Deus*”, diz Santo Agostinho. Ou seja, ‘se você já conhece, não é mais Deus’, não é mais verdade porque a verdade é algo que você compreende agora, que se torna carne agora. É nesse sentido que o Papa diz em sua carta que a Literatura nos faz “encontrar Jesus feito carne”. Por essa razão, enfatiza Francisco: “O recurso assíduo à literatura pode tornar os futuros sacerdotes e todos os agentes pastorais ainda mais sensíveis à plena humanidade do Senhor Jesus” (n. 15) e o Sumo Pontífice complementa: “Afinal, o Coração procura mais e, na Literatura, cada um encontra o seu próprio caminho” (n. 6). Termino com esse trecho de J. R. R. Tolkien:

“Bem-aventurados os criadores de Lendas com seus versos de coisas não encontradas no tempo registrado (...) Eles viram a Morte e a derrota definitiva, e ainda assim não recuaram em desespero (...) mas transformaram a lira para a vitória e acenderam os Corações com Fogo Legendário.” (*Tree and Leaf, including Mythopoeia*).

* Doutora em Economia da Cultura pelo PPGC/UFRJ e MPP (Master of Public Policy) pela ENAP e Columbia University/ Columbia Global Centers.

Literatura: um mergulho na alma humana para melhor encontrar a Cristo

*A seguir, apresentamos alguns trechos da **Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da Literatura na Educação**, publicada em 17 de julho do ano 2024.*

“A literatura [...] brota da pessoa no que tem de mais irredutível, no seu mistério [...] É a vida que se torna consciente de si mesma quando, utilizando todos os recursos da linguagem, atinge a plenitude da expressão” (LATOURELLE, R. Letteratura [in] LATOURELLE, R. & FISICHELLA, R. *Dizionario di Teologia Fondamentale*. Assis, 1990). De uma forma ou de outra, a literatura tem a ver com o que cada um de nós deseja da vida, uma vez que entra em uma relação íntima com a nossa existência concreta, com as suas tensões essenciais, com os seus desejos e os seus significados (n. 5-6).

Inculturação do Evangelho. Para um crente que deseja sinceramente entrar em diálogo com a cultura do seu tempo ou, simplesmente, com a vida de pessoas concretas, a literatura torna-se indispensável [...] Ela inspira-se na cotidianidade vivida, suas paixões e acontecimentos reais, como “a ação, o trabalho, o amor, a morte e todas as pobres coisas que enchem a vida” (RAHNER, K. *Il futuro del libro religioso* [in] *Nuovi Saggi II*. Roma, 1968).

[...] A missão eclesial soube desenvolver toda a sua beleza, frescor e novidade no encontro com diversas culturas – e muitas vezes graças à literatura – nas quais se enraizou, sem medo de arriscar e de extrair o melhor daquilo que encontrou. É uma atitude que a libertou da tentação da autorreferencialidade ensurdecadora e fundamentalista que consiste em acreditar que uma certa gramática histórico-cultural tem a capacidade de exprimir toda a riqueza e profundidade do Evangelho (*Evangelii Gaudium*, EG 117).

[...] Graças ao discernimento evangélico da cultura, é possível reconhecer a presença do Espírito nas diversas realidades humanas, ou seja, é possível captar a semente da presença do Espírito já plantada nos acontecimentos, sensibilidades, desejos, tensões profundas dos corações e dos contextos sociais, culturais e espirituais (n. 8-12).

O problema da fé em nossos dias. “O regresso ao sagrado e a busca espiritual, que caracterizam a nossa época são fenômenos ambíguos. Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou

com um Jesus Cristo sem carne” (EG 89) [...] O recurso assíduo à literatura pode tornar os futuros sacerdotes e todos os agentes pastorais ainda mais sensíveis à plena humanidade do Senhor Jesus, na qual se derrama toda a sua divindade, e anunciar o Evangelho de tal modo que todos, realmente todos, possam experimentar como é verdadeiro o que diz o Concílio Vaticano II: “Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente” (*Gaudium et spes*, GS 22) (n. 15).

O problema da fé nos dias de hoje não é, em primeiro lugar, o de acreditar mais ou acreditar menos em proposições doutrinárias. Liga-se antes à incapacidade de tantos se comoverem perante Deus a sua criação e os outros seres humanos. Por conseguinte, abre-se aqui a tarefa de curar e enriquecer a nossa sensibilidade. Por isso, no regresso da minha Viagem Apostólica ao Japão, quando me perguntaram o que é que o Ocidente tem a aprender com o Oriente, respondi: “Creio que falte ao Ocidente um pouco de poesia” (*Conferência de imprensa durante o voo de regresso da Viagem Apostólica de Sua Santidade Francisco à Tailândia e ao Japão*, 26/novembro/2019) (n. 22).

As palavras do poeta, escreve Rahner, estão “cheias de saudade”, são “portas que se abrem para o infinito, portas que se escancaram à imensidão. Evocam o inefável, ten-

dem para o inefável”. A palavra poética “olha para o infinito, mas não pode dar-nos este infinito, nem pode trazer ou esconder em si Aquele que é o Infinito”. Efetivamente, isto é próprio da Palavra de Deus, e – continua Rahner – “a palavra poética invoca, portanto, a Palavra de Deus” (RAHNER, K. *La fede in mezzo al mondo*. Alba, 1963). Para o cristão, a Palavra é Deus e todas as palavras humanas mostram traços de uma intrínseca saudade de Deus, tendendo para essa Palavra (n. 24).

A Palavra e as palavras. Na verdade, a nossa visão ordinária do mundo é como que “reduzida” e limitada pela pressão que os objetivos operacionais e imediatos do nosso agir exercem sobre nós. O próprio serviço – cultural, pastoral, caritativo – pode tornar-se um imperativo que orienta as nossas forças e a nossa atenção apenas para os objetivos a alcançar. Mas, como nos recorda Jesus, na parábola do semeador, a semente precisa cair em terra profunda para amadurecer frutuosamente ao longo do tempo, sem ser sufocada pela superficialidade ou pelos espinhos (cf. Mt 13, 18-23). Assim, o risco passa a ser o cair na busca de uma eficiência que banaliza o discernimento, empobrece a sensibilidade e reduz a complexidade. Por isso, é necessário e urgente contrabalançar esta inevitável aceleração e simplificação da

nossa vida cotidiana, aprendendo a distanciarmo-nos do imediato, a reduzir a velocidade, a contemplar e a escutar. Isso pode acontecer quando, de modo desinteressado, uma pessoa se detém para ler um livro (n. 31)

A representação simbólica do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, como dimensões que na literatura tomam a forma de existências individuais e de acontecimentos históricos coletivos, não neutraliza o juízo moral, mas impede-o de se tornar cego ou superficialmente condenatório. Pergunta-nos Jesus: “Por que reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não vês a trave que está na tua vista?” (Mt 7, 3) (n. 38).

A literatura ajuda o leitor a quebrar os ídolos das linguagens autorreferenciais, falsamente autossuficientes, estaticamente convencionais, que por vezes correm o risco de contaminar até o nosso discurso eclesial, aprisionando a liberdade da Palavra. A palavra literária é uma palavra que põe a linguagem em movimento, liberta-a e purifica-a; abre-a, por fim, às suas ulteriores possibilidades expressivas e exploratórias, torna-a hospitaleira à Palavra que vem habitar na palavra humana, não quando se entende a si mesma como conhecimento já pleno, definitivo e completo, mas quando se torna vigília de escuta e de espera Daquela que vem renovar todas as coisas (cf. Ap 21, 5) (n. 42).



Reprodução da obra "São Paulo em Atenas" de Raffaello Sanzio

O exemplo de Paulo em Atenas. Falando de Deus, no Areópago, Paulo diz: “É nele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos, como também o disseram alguns dos vossos poetas: ‘Pois nós somos também da sua estirpe’” (At 17, 28). Neste versículo, temos duas citações: uma indireta, na primeira parte, na qual se cita o poeta Epimênides (séc. VI a.C.), e uma direta, citando Fenômenos do poeta Arato de Silo (séc. III a.C.), que canta as constelações e os sinais do bom

e do mau tempo. “Paulo revela-se um ‘leitor’ de poesia e deixa intuir o modo como se aproxima ao texto literário, o que não pode deixar de levar a refletir sobre um discernimento evangélico da cultura. Ele é definido pelos atenienses como *spermologos*, que significa ‘papagaio, tagarela, charlatão’, mas literalmente quer dizer ‘coleccionador de sementes’. Assim, paradoxalmente, o que era um insulto parece uma verdade profunda. Paulo recolhe as sementes da poesia pagã e,

abandonando uma atitude anterior de profunda indignação (cf. At 17, 16), chega a reconhecer os atenienses como ‘os mais religiosos dos homens’ e, naquelas páginas da literatura clássica deles, vê uma verdadeira *preparatio evangelica*” (LATOURELLE, R. Letteratura [in] LATOURELLE, R. & FISICHELLA, R. *Dizionario di Teologia Fondamentale*. Assis, 1990) (*Carta do Santo Padre Francisco sobre o papel da Literatura na Educação*, n. 8).

Um louvor que ecoa pelos séculos

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

O Cântico das Criaturas é uma das mais importantes poesias da história humana. O segredo de seu fascínio? Um coração totalmente carregado pelo encontro com Cristo, capaz de descobrir, em toda a criação, os sinais do grande Amor que criou todas as coisas.

Há 800 anos, em 1224, São Francisco de Assis tinha cerca de 42 ou 43 anos de idade. Sua ordem religiosa dos Frades Menores crescia rapidamente, atraindo novos membros e apoiadores. Um ano antes, a regra de vida da sua comunidade havia sido aprovada pelo Papa Honório III, confirmando sua legitimidade e seu rumo. Naquele ano, contudo, enquanto estava no Monte della Verna, recebeu os estigmas, sinais da Paixão de Cristo, que representaram um momento crucial na sua experiência espiritual. Iniciou-se um período de maior introspecção e sofrimento físico, que se intensificou nos anos seguintes, até sua morte, em 1226.

Nesse contexto, Francisco compôs o “Cântico das Criaturas”, o conhecido hino de louvor a Deus pela beleza da criação, que é considerado uma das primeiras obras da literatura em língua italiana e é provavelmente a poesia católica mais conhecida em nossos tempos. Como o poeta italiano Davide Rondoni, presidente da Comissão Nacional do VIII Centenário da morte de São Francisco



Reprodução da obra “São Francisco pregando aos pássaros” de Giotto

de Assis, observa, o Santo, em um momento em que perdia as forças e a própria vida, não está preocupado em deixar um pensamento teológico ou uma norma, mas sim em fazer um poema, um texto que combina o louvor ao Criador com o louvor às criaturas. Ele o dita aos seus seguidores para que o cantem, levem consigo e o ofereçam a si mesmos e ao mundo.

O Cântico retoma uma vertente mística presente nos grandes Padres dos primeiros séculos, mas que muitas vezes pareceu submersa no pensamento católico mais recente: a mística

do maravilhamento despertado por toda a grandiosidade e beleza da criação – uma mística “cósmica”, que provoca humildade, gratidão e fraternidade. Não se pode negar que o fascínio suscitado pelo movimento ecológico em nossos tempos, bem como a busca pelo lazer em contato com a natureza, seja nas praias, seja nos campos ou seja nas montanhas, nos mostram como esta mística do maravilhamento diante da criação está profundamente enraizada no coração humano, e corresponde profundamente ao nosso ser.

Dante Alighieri, em “A Divina Comédia”, irá dizer que o comportamento de São Francisco de Assis só se torna compreensível se o vemos como um enamorado, um apaixonado. Ele é apaixonado pela Pobreza, que – antes dele – havia tido por esposo o próprio Cristo. É sob este ângulo que pode se compreender que um homem doente e debilitado cante a sublime beleza do Criador e de suas criaturas, não como exercício nostálgico para não se afastar de um bem perdido, mas como puro ato de maravilhamento, que não cessa mesmo no sofrimento. De fato, após cantar as belezas da criação, às quais chama de irmão e irmã, Francisco irá louvar a Deus pela enfermidade e pela morte.

O convite à fraternidade universal, o deslumbramento e a ternura que emanam dos versos de São Francisco muitas vezes levaram a uma interpretação leviana e edulcorada da mística franciscana. Esquece-se do profundo espírito de doação e sacrifício que marca a vida do Santo. Os versos finais, com seu enfrentamento maravilhado da própria morte, mostram que não se trata disso: existe aqui uma mística que reconhece a dor e o sofrimento, mas não procura esquecê-la ou evitá-la. Pelo contrário, vai ao seu encontro, confiante que também aí encontrará o abraço cheio de amor e ternura do seu grande Amado.

Assim, nos versos do Cântico das Criaturas, o humilde pobrezinho de Assis se mostra como esse personagem encantador e complexo que apaixonava crentes e não crentes.

*Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do jornal O SÃO PAULO

Livros

História da espiritualidade cristã

Redação

Frei Patrício Sciadini apresenta um panorama histórico sobre os principais elementos que orientam a espiritualidade, em particular a cristã.

Religioso pertencente à Ordem Carmelita Descalça, nascido na Itália, em 1945, Frei Patrício Sciadini veio para o Brasil após sua ordenação sacerdotal. Dedicado a seu país de missão, naturalizou-se brasileiro. Contudo, a vida missionária lhe reservou outras terras, além da nossa, e desde 2010 vive no Egito, onde é Reitor da Basílica de Santa Teresinha, no Cairo. Um dos nossos maiores autores sobre a espiritualidade cristã e dos santos carmelitas, é autor de mais de 50 obras sobre o assunto – além de

ser reconhecido pregador de retiros e formações para congregações e novas comunidades.

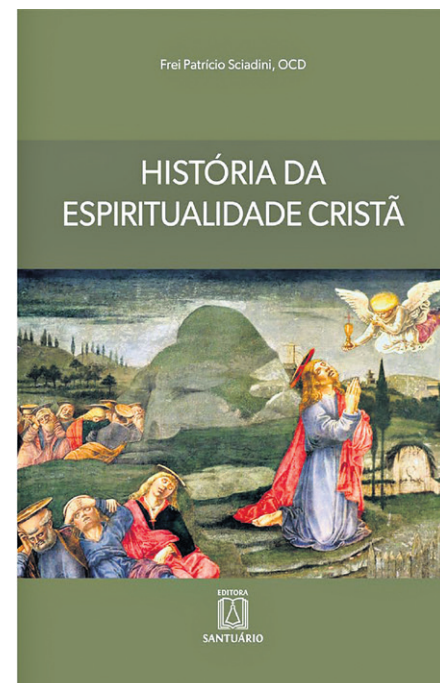
Recentemente, esteve no Brasil para o lançamento de sua *História da espiritualidade Cristã*. Nas suas próprias palavras, é uma pequena obra que nos convida a lançar um olhar sobre a espiritualidade, um tema sempre presente na história humana.

Frei Patrício, desde a abertura do livro, nos ajuda a compreender o significado da palavra “espiritualidade”, que hoje em dia se usa e abusa por definir um conceito muitas vezes vazio e nebuloso. Explica que sementes de espiritualidade, que buscam superar a materialidade e o mundanismo, são encontradas em todas as religiões. O Cristianismo, contudo, tem sua própria espiritualidade, com um perfil explicitado ao longo do livro. Procura, com este livro, esclarecer ideias falsas ou con-

fusas sobre a espiritualidade, como certas manifestações de sincretismo religioso que procuram satisfazer os sentimentos mas não chegam à verdadeira fé.

O texto é escrito em sínteses breves, no estilo característico do Frei Patrício, que sabe com poucas palavras apresentar o essencial, usando uma linguagem fácil, mas não superficial, que nos convida a aprofundar os temas propostos. O livro nos apresenta os principais autores das escolas da espiritualidade cristã, dando mais atenção aos carmelitanos, como Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz e Santa Teresinha do Menino Jesus.

Neste ano, no qual caminhamos para o Jubileu dedicado, pelo Papa Francisco, à esperança, é interessante observar quando Frei Patrício fala da crise religiosa como uma crise da esperança. Em suas palavras, “espi-



SCIADINI, Patrício. História da espiritualidade cristã. Aparecida: Editora Santuário, 2024.

ritualidade é ter o coração fixo em Deus e os pés na terra – os místicos autênticos nunca são alienados, pois são sal, luz e fermento para a humanidade”.